

As estratégias da rádio Mega FM para se tornar referência da comunicação comunitária em Juiz de Fora (MG)

Las estrategias de la emisora Mega FM para convertirse en un referente de la comunicación comunitaria en Juiz de Fora (MG)

Mega FM radio station's strategies to become a benchmark for community communication in Juiz de Fora (MG)

Marco Aurélio Reis

Resumo

Criada em 1997, a Mega FM tornou-se exemplo de rádio comunitária. Operando no Santa Cândida, bairro periférico de Juiz de Fora, até 2007, a rádio enfrentou desafios relacionados à censura, como quando a Anatel lacrou seu transmissor e o pedido de autorização foi negado pelos órgãos governamentais, que concederam a licença a uma rádio evangélica. No entanto, a Mega FM demonstrou notável resistência ao usar processos criativos para contornar tais barreiras. A rádio desenvolveu estratégias inovadoras alinhadas com Kaplún (1984) sobre comunicação como ferramenta de resistência e transformação social, além do caráter educativo da filosofia de Paulo Freire (1978). O estudo visa resgatar as estratégias adotadas pela emissora até

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 13/03/2025 aceito em: 04/08/2025.

>> Como citar este texto:

REIS, Marco Aurélio. As estratégias da rádio Mega FM para se tornar referência da comunicação comunitária em Juiz de Fora (MG). **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 02, p. 353-372, mai./ago. 2025.

Sobre a autoria

Marco Aurélio Reis
marco.aurelio.reis@educacao.mg.gov.br
<https://orcid.org/0000-0003-0710-6361>

Marco Aurélio Reis é jornalista, doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF e da Secretaria de Educação de Minas Gerais. Autor dos livros *Narrativa Midiática* (2019) e *Arquitetura da Informação* (2018), pesquisa narrativa midiática, mídia-educação e plataforma da mídia informativa.

o fechamento arbitrário e sem possibilidades de recurso, usando a metodologia de estudo de caso de Robert Yin (2005). A pesquisa indica ações adotadas para o sucesso da emissora e contribui para a formação de um modelo de rádio comunitária para diferentes comunidades.

Palavras-chave: rádio comunitária; estratégias; Mega FM; comunicação

Abstract

Created in 1997, Mega FM became an example of community radio. Operating in Santa Cândida, a peripheral neighborhood of Juiz de Fora, until 2007, the station faced challenges related to censorship, such as in 2003, when Anatel shut down its transmitter and the authorization request was denied by government authorities, who granted the license to an evangelical radio station. However, Mega FM demonstrated remarkable resilience by employing creative processes to overcome such barriers. The station developed innovative strategies aligned with Kaplún's (1984) view of communication as a tool for resistance and social transformation, as well as with the educational nature of Paulo Freire's philosophy (1978). The study aims to recover the strategies adopted by the station until its arbitrary closure with no possibility of appeal, using Robert Yin's (2005) case study methodology. The research indicates actions taken for the station's success and contributes to the formation of a community radio model for different communities.

Keywords: community radio; strategies; Mega FM; communication

Resumen

Creada en 1997, Mega FM se convirtió en un ejemplo de radio comunitaria. Operando en Santa Cândida, un barrio periférico de Juiz de Fora, hasta 2007, la radio enfrentó desafíos relacionados con la censura, como en 2003, cuando Anatel clausuró su transmisor y la solicitud de autorización fue rechazada por las autoridades gubernamentales, que otorgaron la licencia a una radio evangélica. Sin embargo, Mega FM demostró una notable resistencia al utilizar procesos creativos para sortear tales barreras. La radio desarrolló estrategias innovadoras alineadas con Kaplún (1984) sobre la comunicación como herramienta de resistencia y transformación social, así como con el carácter educativo de la filosofía de Paulo Freire (1978). El estudio tiene como objetivo recuperar las estrategias adoptadas por la emisora hasta el cierre arbitrario y sin posibilidades de recurso, utilizando la metodología de estudio de caso de Robert Yin (2005). La

investigación indica acciones adoptadas para el éxito de la emisora y contribuye a la formación de un modelo de radio comunitaria para diferentes comunidades.

Palabras clave: radio comunitaria; estrategias; Mega FM; comunicación

Introdução

Rádios comunitárias desempenham um papel fundamental ao oferecer oportunidades de participação que fortalecem o senso de pertencimento e identidade dos residentes locais. Essas emissoras são cruciais para a democratização da comunicação, como revelado na análise de Santos, Prata e Medeiros (2019). Os autores discutem como essas emissoras têm contribuído para a democratização da comunicação e a inclusão social, apesar das dificuldades enfrentadas devido à sua situação muitas vezes clandestina. Essas emissoras desempenham um papel crucial na promoção da cidadania e no fortalecimento da identidade local, oferecendo uma alternativa às mídias comerciais e permitindo a participação ativa de comunidades marginalizadas na produção e disseminação de informações. Já a pesquisadora Cláudia Lahni (2008) destaca como essas emissoras ajudam a amplificar as vozes de comunidades marginalizadas e a fomentar a participação democrática. Marialva Barbosa (2020), por sua vez, sublinha a importância histórica e cultural dessas rádios, que são vitais na preservação e promoção das culturas locais, funcionando como uma alternativa às mídias comerciais dominantes.

Um exemplo notável de rádio comunitária no Brasil é a Mega FM, que operou por um período na clandestinidade e com imenso sucesso no bairro Santa Cândida, em Juiz de Fora, entre 1997 e 2007, refletindo aspectos centrais dos pensamentos de Paulo Freire e Mario Kaplún sobre comunicação e educação. Sua trajetória revela uma profunda interconexão com temas de censura, resistência e o papel da comunicação na construção comunitária, aspectos que Freire e Kaplún abordaram em seus trabalhos. A rádio enfrentou significativos desafios relacionados à censura e manipulação da informação. Um desses episódios ocorreu em 2003 quando a Anatel lacrou seu transmissor e o pedido

de autorização foi negado pelo Ministério das Comunicações, que preferiu conceder a licença à rádio evangélica Life. Tal acontecimento ilustra as dificuldades enfrentadas por muitas rádios comunitárias, que frequentemente lidam com regulamentações que controlam o fluxo de informações e limitam a diversidade de vozes que reivindicam seus direitos de cidadania.

No entanto, a Mega FM demonstrou, nesta e em outras situações, uma notável resistência ao usar de processos criativos e tecnológicos para contornar tais barreiras. A rádio desenvolveu estratégias inovadoras que se alinham com as ideias de Kaplún sobre a comunicação como ferramenta de resistência e transformação social. No contexto da filosofia de Paulo Freire, a Mega FM exemplificou a experiência de rádio popular e educativo. Freire via a educação como um meio de empoderamento e conscientização social e a Mega FM operava como um espaço de aprendizado e expressão para a comunidade local. Sua programação integrava princípios de educação popular, promovendo a cidadania e a participação comunitária, alinhando-se com a abordagem de Freire sobre a construção coletiva do conhecimento e o fortalecimento da autonomia.

A utilização do humor, da música e da dramaturgia na Mega FM também foi uma forma de resistência e fortalecimento da identidade comunitária. Esses elementos foram ferramentas poderosas para enfrentar a censura e criar um espaço significativo para a comunidade, refletindo a proposta de Kaplún de usar a comunicação para engajar e mobilizar a população. O fechamento da emissora em 2007 e as contínuas dificuldades para obter uma licença são exemplos das restrições enfrentadas por rádios comunitárias, um padrão mais amplo que demonstra como o autoritarismo e a falta de apoio às iniciativas de comunicação independente podem limitar a expressão e a diversidade. Cabe aqui recorrer a Peruzzo (2004), para quem a comunicação comunitária, como a feita pela Mega FM, não apenas facilita o acesso à informação, mas, também, promove o engajamento ativo dos cidadãos na produção e disseminação de conteúdos relevantes para suas comunidades. A autora destaca que essa forma de comunicação é essencial para fortalecer a democracia, pois permite que vozes

marginalizadas sejam ouvidas e que as pessoas participem ativamente nos processos sociais e políticos que afetam suas vidas. Ela enfatiza a necessidade de políticas públicas que garantam o direito à comunicação comunitária, considerando-a um elemento crucial para a inclusão social e o desenvolvimento comunitário. Vozes assim, no entanto, ainda não bastam para garantir o funcionamento livre das ações midiáticas comunitárias.

Além disso, a trajetória da Mega FM destaca a importância da preservação da memória e dos acervos documentais e sonoros. Manter registros dessas emissoras é crucial para entender a história da comunicação comunitária e garantir que as vozes e histórias locais sejam preservadas e reconhecidas e suas histórias compartilhadas para a reprodução em outros locais de resistência popular organizada. Por isso, o presente estudo resgata as estratégias adotadas pela emissora para seu sucesso comunitário até o fechamento arbitrário e sem possibilidades de recurso. O objetivo foi buscar entender como a rádio serviu não apenas como um canal de comunicação, mas, também, como uma plataforma de cidadania ativa, permitindo que os moradores das comunidades de Santa Cândida, Vila Alpina e São Benedito se engajassem diretamente na criação e transmissão de conteúdo. Para este trabalho, usa-se a metodologia Estudo de Caso, de Robert Yin (2005), a entrevista semiestruturada prevista no método com a coordenadora da rádio Mega FM, a professora Adenilde Petrina Bispo¹, e tem como base inicial a pesquisa desenvolvida por Lahni (2008).

Rádio comunitário no Brasil

No início do século XX, a radiodifusão nasce no Brasil assumindo um

¹ Referência no movimento negro na Zona da Mata Mineira, a professora Adenilde Petrina Bispo, conhecida como Dona Dê, concedeu a entrevista no segundo semestre de 2024. Ela faleceu em 30 de outubro de 2025, sendo homenageada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em reconhecimento à sua trajetória como educadora, radialista e militante, ressaltando seu compromisso com a educação, a cultura e a cidadania dos moradores da periferia juizforana. Nascida em 1922 no quilombo Morro das Pedras, em Ouro Preto, filha de Lindaura Bispo dos Santos, Adenilde graduou-se em Filosofia e História pela UFJF, foi professora em escola pública e uma das fundadoras da Rádio Comunitária Mega FM. Sua atuação comunitária e engajamento em movimentos sociais foram fundamentais para a melhoria das condições de vida em seu bairro.

caráter essencialmente educativo, refletindo um compromisso com a promoção de conhecimento e cultura (Santos, Prata e Medeiros, 2019, p. 131). Entretanto, à medida que o meio evoluía, o interesse comercial começava a moldar o conteúdo das emissoras, alterando o seu papel original. Calabre (2004) analisa como o rádio se adaptou e se consolidou como uma plataforma crucial para a comunicação e a cultura popular, destacando que, apesar das mudanças impulsionadas pelo lucro, o rádio preservou aspectos significativos de sua função educativa e informativa.

No entanto, a transformação do rádio não se deu de forma uniforme e a adaptação às pressões externas e às mudanças políticas tornou-se um aspecto central. Zuculoto (2012) evidencia como as emissoras de rádio procuraram manter uma postura ética e democrática em um ambiente de crescente pressão comercial. A busca por esse equilíbrio reflete a importância contínua do rádio como meio de comunicação crítico e sua resistência às pressões que visavam comprometer sua integridade.

A resistência do rádio às adversidades político-partidária pode ser exemplificada pela Rádio Jornal do Brasil AM, que desempenhou um papel crucial na manutenção da liberdade de expressão e da diversidade de vozes durante períodos críticos (Baumworcel; Baum, 2011). A cassação da outorga da Rádio Mayrink Veiga, discutida por Fleck e Ferraretto (2021), também ilustra como práticas de controle midiático e censura podem afetar a sobrevivência das emissoras. Essas análises históricas são fundamentais para entender o fechamento da Mega FM e os desafios enfrentados contemporaneamente por emissoras que buscam preservar a independência.

A importância de manter uma postura democrática e sem vinculação político-partidária é enfatizada por Klöckner (2009), que destaca a resistência ao golpe militar de 1964 e a importância da Segunda Cadeia da Legalidade em preservar a democracia. Essa perspectiva histórica revela a necessidade de um espaço plural e inclusivo na mídia, refletindo a luta contínua por liberdade e diversidade, o que justifica a necessidade de emissoras comunitárias a serviço

da cidadania e da inclusão social.

As rádios comunitárias, como a Mega FM, surgiram no Brasil nesse contexto como uma resposta à centralização dos meios de comunicação e à necessidade de dar voz a comunidades marginalizadas. Esse movimento teve início na década de 1970 com rádios clandestinas e, posteriormente, em 1980, foi formalizado com a criação das emissoras comunitárias. Como observado por Santos, Prata e Medeiros (2019, p. 135), essas rádios operam em uma dualidade entre a clandestinidade e a busca pela legitimidade, promovendo a democratização da comunicação e oferecendo espaço para a expressão das culturas locais.

Durante cerca de 20 anos, as rádios comunitárias atuaram ilegalmente, sem respaldo legal, até que, em 1998, a Lei 9.612 instituiu oficialmente o serviço de radiodifusão comunitária. Desde então, quase cinco mil emissoras receberam outorga para operar com transmissores de baixa potência, servindo a públicos restritos às comunidades onde estão inseridas (Idem, 2019, p. 131). A linguagem mais coloquial, os temas colocados no ar e o uso de expressões e sotaques da comunidade fazem com que essas emissoras se aproximem e atendam às necessidades do público. O intuito desses meios sempre foi democratizar a comunicação e dar voz a pessoas invisibilizadas pelos meios tradicionais, colocando, assim, a realidade local nos noticiários. De acordo com dados da Associação Técnica da Radiodifusão Brasileira², ao todo, há cerca de 4,5 mil rádios comunitárias outorgadas no país.

Peruzzo (1999) destaca a importância da participação popular na construção da cidadania por meio da comunicação nos movimentos populares. As rádios comunitárias desempenham um papel crucial nesse processo, pois são instrumentos de participação e inclusão social. Elas permitem que as comunidades locais se organizem, expressem suas preocupações e compartilhem suas culturas, contribuindo para a formação de uma sociedade

² In <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-02/radios-comunitarias-poderao-veicular-patrocinio-do-governo>. Acesso em 3 ago 2024.

mais justa e democrática.

Segundo Peruzzo (2002, p. 75), "a ética, a liberdade de imprensa, a democracia e a cidadania são elementos interligados que fundamentam uma sociedade verdadeiramente democrática". Nesse sentido, as rádios comunitárias, ao promoverem a inclusão de vozes marginalizadas e a representação das realidades locais, fortalecem esses pilares essenciais para a democracia. Através da educomunicação, conceito que integra comunicação e educação, essas rádios não apenas informam, mas, também, educam o público, estimulando uma recepção crítica e ativa dos conteúdos veiculados.

Assim, a atuação das rádios comunitárias vai além da simples transmissão de informações, elas são agentes de transformação social, promovendo a cidadania ativa e a democratização da comunicação. Por meio de práticas como o cassete-fórum, desenvolvido por Mario Kaplún³, essas rádios incentivam a participação dos ouvintes, permitindo que falem sobre temas relevantes para suas vidas e contribuindo para a construção de uma comunicação mais dialógica e inclusiva.

O estudo de caso: a rádio Mega FM e a sua importância

A metodologia utilizada neste artigo é o estudo de caso de Robert Yin (2005), que permite uma análise aprofundada das estratégias de implantação, consolidação e aglutinação comunitária da rádio Mega FM. Este método inclui a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, análise documental e observação participante. No caso desta pesquisa, a entrevista com a ex-coordenadora da rádio serviu de apoio para traçar as estratégias usadas pela

³ O cassete-fórum, criado por Mario Kaplún, é um método de comunicação participativa que utiliza gravações em áudio distribuídas para grupos populares. Esses cassetes contêm conteúdos relevantes para a comunidade, que são discutidos em encontros coletivos. O objetivo é promover o diálogo e a troca de informações, permitindo que os participantes expressem suas opiniões e conhecimentos. Esse método fortalece a organização comunitária e facilita a educação popular, tornando a comunicação mais acessível e democrática. Após tais encontros, temas para emissoras comunitárias são levantados e não raramente a discussão sobre os temas gravados é transmitida ao vivo nas emissoras da comunidade.

Mega FM e que foram consolidadas em uma tabela.

A ideia de criar a Rádio Mega FM surgiu de uma demanda dos jovens do Santa Cândida, bairro periférico próximo ao centro de Juiz de Fora, cidade da Zona da Mata Mineira. A proposta inicial era divulgar as músicas produzidas por artistas locais juntamente com a necessidade do Grêmio Estudantil da Escola Estadual Professor Cândido Motta Filho, no bairro vizinho São Benedito, em mostrar as atividades que estavam sendo realizadas na época, e passar informações para a comunidade. Em março de 1997, uma assembleia foi realizada para discutir a criação da rádio comunitária e contou com ampla participação da comunidade não só do local, onde a emissora viria a ser instalada, mas, também, de moradores do Vila Alpina, São Benedito e outros bairros da periferia do município, todos próximos uns dos outros. Em seguida, o estatuto da rádio foi aprovado e a primeira programação foi definida em conjunto.

Com o slogan “comunitária de verdade”, a rádio foi estabelecida como uma associação sem fins lucrativos e começou a transmissão em junho de 1997. Desde o início, a Mega FM focou em informar temas de interesse da comunidade, valorizar a cultura local e promover a solidariedade. A Mega FM se definia como uma emissora sem vínculos político-partidários ou religiosos, comprometida apenas com a comunidade, destacando-se como um espaço importante para a expressão local e a democratização da comunicação. O envolvimento da comunidade foi intenso, com muitas pessoas participando e contribuindo. Os programas eram diversificados e um dos destaques foi a cobertura do Carnaval, que começou em 1998, oferecendo uma programação especial, participativa e inclusiva em torno da festa popular.

Em entrevista concedida para este trabalho, a coordenadora da Mega FM, Adenilde Petrina Bispo, conta que a rádio nasceu a partir da união dos moradores para divulgar informações para a comunidade sobre o que acontecia na região, através de notícias de serviço, divulgação de eventos culturais e exposição de trabalhos de artistas locais, sonoros e até mesmo visuais. Adenilde comenta que,

mais tarde, foi possível notar que a necessidade de criar a rádio também surgiu de uma ausência dos bairros da periferia de Juiz de Fora nos noticiários da cidade e da falta de protagonismo da população local na narrativa midiática. A comunidade não se sentia representada e a Mega FM veio com a proposta de preencher essa lacuna uma vez que, quando a localidade era notícia, as fontes de informação eram a polícia ou o governo municipal, nunca os moradores locais.

Em pouco tempo no ar, a Mega FM começou a mobilizar a comunidade para participar do projeto, seja apresentando programas, colaborando financeiramente ou enviando cartas e ligando para a emissora com contribuições. Conforme consta em Lahni (2008), no começo a Rádio recebia uma média de 70 telefonemas por dia. Em 2003, essa média girava em torno das 40 ligações diárias.

Eu não acreditava que ia dar certo. Mas quando eu vi a rádio funcionando, vi que o bairro inteiro estava ouvindo, eu resolvi divulgar uma reunião que ia ter com a juventude aqui do bairro - antes a gente andava de casa em casa chamando o pessoal e distribuindo papelzinho. (Nessa reunião) veio o pessoal em peso. Foi aí que eu percebi a força da rádio em atingir a comunidade. (Bispo, 2024, entrevista concedida para esta pesquisa em julho de 2024)

As rádios comunitárias desempenham um papel crucial na sociedade, especialmente em contextos nos quais a comunicação e a informação são ferramentas essenciais para a inclusão e o desenvolvimento social. As rádios comunitárias no Brasil têm uma trajetória marcada pela clandestinidade e pela luta pela legitimidade, mas seu impacto social é inegável. Santos, Prata e Medeiros (2019, p. 135) destacam que essas rádios oferecem uma plataforma para a expressão de vozes que, de outra forma, seriam marginalizadas no cenário midiático predominante. De acordo com os autores, as rádios comunitárias servem como um espaço de democratização da comunicação, onde as comunidades podem discutir suas necessidades, compartilhar informações relevantes e promover a cultura local.

Nós começamos a perceber que tínhamos capacidade para fazer a rádio acontecer. Começamos a estudar como surgiram as rádios comunitárias e abrir nossa mente para perceber o que as rádios hegemônicas faziam para

fazermos diferente e de acordo com as comunidades periféricas que a rádio atendia. (Bispo, 2024, entrevista concedida para esta pesquisa em julho de 2024)

Adenilde ressalta que a rádio possibilitou à população ter mais conhecimento sobre temas, como igualdade de gênero, consciência racial e importância do voto, e ter embasamento para discutir assuntos, como machismo, homofobia e feminismo, destacando o caráter pedagógico do meio, como defendido por Kaplún (1984). Segundo Adenilde, “a rádio veio para ampliar a visão de mundo dos moradores da comunidade” e “mudou a mentalidade das pessoas”.

Com essas ações, os programas começaram a gerar identificação e contribuíram para a construção da identidade dos moradores. A coordenadora cita o Programa de Mulher, desenvolvido por alunas da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que falava sobre temas ligados ao empoderamento feminino, como desigualdade salarial, independência e autoestima. Segundo Adenilde, esse conteúdo permitiu que as ouvintes comesçassem a se enxergar como mulheres e perceber sua importância para a luta por melhorias no bairro. “Nós já éramos empoderadas, mas não sabíamos”, diz Adenilde.

De acordo com Paulo Freire (1978), esse caráter educativo fomenta o protagonismo e a expressividade e as rádios comunitárias oferecem um espaço vital para a expressão das classes populares, muitas vezes excluídas dos meios de comunicação de massa. Mario Kaplún (1984), como dito acima, também reforça que a comunicação participativa promove educação, desenvolvimento e ética democrática. Além de ser uma forma acessível, os debates coletivos fomentam a participação direta e a expressão espontânea, permitindo que todos sejam emissores e receptores.

Neste sentido, para Kaplún (1984), essa abordagem, a mesma que é possível ver na Mega FM, tem impacto formativo e informativo, além de aumentar a consciência crítica e solidária dos participantes. Dessa forma, é possível concluir que o rádio comunitário não apenas informa e mobiliza a comunidade, mas, também, tem papel de educar e capacitar os ouvintes.

Entre as atividades desempenhadas pela Mega FM com objetivo educativo também estava o Programa Direito Popular DABC (transmitido semanalmente com participação de acadêmicos de Direito da UFJF, que promovia informações sobre direitos); o Programa Ao Mestre com Carinho (refletia os desafios da educação); as vinhetas educativas sobre eleições (explicava a importância do voto e as etapas das eleições); a campanha de prevenção de acidentes de trânsito (com alertas sobre cuidados como o uso da faixa de pedestres e a direção defensiva, além da colaboração com a Prefeitura de Juiz de Fora (PJF) para melhorar a localização dos pontos de ônibus e oferecer cursos para crianças e adolescentes) e os debates sobre a representação dos bairros na mídia (com destaque para a ausência de uma imagem positiva e a discriminação de negros e mulheres); entre outros (Lahni, 2008).

Diante da pressão contra rádios comunitárias e do fechamento de emissoras, a Mega FM realizou debates com lideranças comunitárias e participou de manifestações em defesa da democratização da comunicação em 1999. Em junho de 2003, a Mega FM e a Posse de Cultura Hip-Hop Zumbi dos Palmares realizaram o Agosto Negro, um evento com palestras e debates sobre a situação dos negros na sociedade, além de apresentações de hip-hop (Lahni, 2008). No entanto, em agosto de 2003, a Anatel lacrou o transmissor da rádio e emitiu um auto de infração, o que resultou em protestos e ações políticas. A rádio foi reaberta com horário reduzido.

Nós não éramos reféns de ninguém. Tínhamos a nossa própria maneira de passar a notícia, de fazer os programas. Não tínhamos nenhum compromisso comercial. Tínhamos liberdade e preocupação em produzir programas que levassem à consciência. O lema da rádio era ser ponte para a fraternidade, para a solidariedade, levar informação e formar a consciência crítica das pessoas a partir de linhas de programas diferentes e o ouvinte escolhia qual ele gostaria de seguir. (Bispo, 2024, entrevista concedida para esta pesquisa em julho de 2024)

A tentativa de reativar a rádio através da web foi considerada, mas, devido à limitada acessibilidade à internet nas comunidades ao redor do Santa Cândida, essa solução não seria viável. A falta de acesso à internet para a maioria da

população local significaria que a rádio online não conseguiria atingir efetivamente seu público-alvo, comprometendo a função essencial de serviço comunitário que a Mega FM desempenhava anteriormente.

Esse cenário ilustra a constante luta das rádios comunitárias pela sobrevivência e pela manutenção de um espaço livre para a expressão das culturas locais e a conscientização social. Apesar dos desafios impostos pela regulamentação e pelo fechamento forçado de suas operações, essas rádios continuam desempenhando um papel crucial na democratização da comunicação, oferecendo uma alternativa autêntica e acessível aos meios de comunicação tradicionais.

As estratégias para o Impacto Comunitário da Mega FM

Com base na metodologia de Yin (2005), analisam-se as estratégias empregadas pela Mega FM para se estabelecer como um meio de comunicação comunitário relevante. As ações implantadas foram citadas e descritas na tabela abaixo (TABELA 1). Entre as estratégias destacam-se a mobilização dos moradores da comunidade, fundamental para a criação da rádio; a implantação da rádio com o apoio da população na compra de equipamentos e na definição da programação; a consolidação como uma voz da comunidade, ação na qual eram repassadas informações de interesse dos moradores da periferia com credibilidade, além de oferecer uma programação com conteúdos que refletiam os interesses dos ouvintes; e, por fim, a aglutinação por meio de eventos e atividades que incentivavam a participação comunitária.

A Mega FM mobilizou a comunidade local desde o início, engajando os moradores para apoiar a criação da rádio. Esse apoio foi crucial não apenas na fase de planejamento, mas, também, na obtenção de recursos. A comunidade contribuiu ativamente para a compra dos equipamentos necessários por meio de doações e coleta de fundos, demonstrando um forte sentido de pertencimento e cooperação.

Na definição da programação, a rádio envolveu os moradores na escolha

dos conteúdos e formatos dos programas, garantindo que a grade refletisse os interesses e as necessidades da população local. Isso não só aumentou a relevância da rádio como também fortaleceu seu papel como uma voz autêntica da comunidade.

A Mega FM se consolidou como uma fonte confiável de informações, transmitindo notícias e conteúdos de interesse específico para os moradores da periferia. Com uma programação variada e credível, a rádio conseguiu estabelecer um elo forte e significativo com seu público.

Além disso, a rádio promoveu diversos eventos e atividades que incentivaram a participação comunitária, criando um ambiente de integração e apoio mútuo. Essas ações não apenas ajudaram a reforçar a presença da rádio na comunidade, mas, também, fomentaram um espírito de solidariedade e colaboração entre os moradores.

Esses exemplos, detalhados a seguir, ilustram um modelo prático para outras comunidades em Minas Gerais e no Brasil que desejam implantar com sucesso uma emissora de rádio comunitária. O exemplo da Mega FM demonstra que, com estratégia e participação comunitária, é possível criar um meio de comunicação sustentável e impactante, mesmo em face de desafios regulatórios e econômicos.

Tabela 1: Estratégias e ações da Mega FM para implantação

Ação	Descrição
Mobilização	Após a demanda de músicos locais e do Grêmio Estudantil, a movimentação para tirar a ideia da rádio do papel começou, estabelecendo um modelo exemplar de engajamento comunitário. Os envolvidos divulgaram oralmente a realização de uma assembleia estudantil, com o objetivo de discutir a proposta, demonstrando a importância da comunicação direta. Os líderes foram de casa em casa e abordaram pessoas na rua, promovendo uma participação inclusiva. Após a reunião, a rádio foi criada em conjunto com a comunidade, que participou diretamente de todas as etapas do projeto, evidenciando um processo colaborativo. A rádio também promoveu parcerias com escolas locais e organizações comunitárias

	para fortalecer sua base de apoio, mostrando como a cooperação pode amplificar o impacto social.
Angariação de recursos para equipamentos	A obtenção de recursos através de doações e eventos comunitários permitiu a compra dos equipamentos necessários para colocar a emissora no ar.
Programação diversa	A rádio ficava no ar todos os dias de 8h às 00h, servindo como um modelo de programação comunitária abrangente e inclusiva. A extensa programação, com mais de 30 programas, cobria uma diversidade de assuntos, com editoriais principais em cultura, política e saúde. Os programas eram divididos em temas de serviço para os moradores do bairro, abordando assuntos gerais para criar consciência crítica na audiência e promovendo artistas locais, principalmente músicos, poetas e artistas de teatro do bairro. A Mega FM consolidou sua presença através de uma programação que refletia os interesses e as necessidades da comunidade, exemplificando como uma rádio comunitária pode ser um veículo eficaz para o engajamento e empoderamento social.
Identificação e contribuição na construção da identidade dos moradores	Com o objetivo central de ampliar a visão de mundo dos moradores da comunidade, os programas da rádio começaram a gerar identificação e contribuíram para a construção da identidade dos moradores, estabelecendo um modelo de comunicação inclusiva e transformadora. As programações voltadas para temas femininos ajudaram a empoderar as mulheres da comunidade, promovendo independência financeira e autoestima. Um programa desenvolvido por um aluno intercambista da UFJF sobre africanidades, por exemplo, ampliou o conhecimento da população sobre o continente africano e a ancestralidade, demonstrando o impacto educacional e cultural da rádio. Além disso, o programa “Diversidade,” produzido por pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, promoveu a inclusão desse grupo e a redução de discriminações, exemplificando como uma rádio comunitária pode servir como um veículo poderoso para a promoção da diversidade e a construção de uma sociedade mais justa.
Linguagem própria e narrativa autoral	Duas características que colaboraram para o sucesso da rádio na região foram a linguagem adotada e a narrativa autoral. O “Mega Notícias” e o “Megafenômeno” ilustram bem essas características. O “Mega Notícias” apresentava informações sobre o mundo, a América Latina, a cidade e a comunidade, sob a perspectiva dos moradores, com “repórteres” voluntários que coletavam informações diretamente nas ruas numa ação de protagonismo dos colaboradores locais. Já o “Megafenômeno,” exibido toda sexta-feira à meia-noite, destacava lendas e mitos locais contados por moradores mais antigos, em outra ação de protagonismo. A maioria dos locutores e repórteres eram residentes dos bairros onde a rádio era transmitida, o que

	reforçava o senso de pertencimento dos ouvintes. A linguagem utilizada era informal, com expressões locais e sotaques, facilitando a conexão com a audiência e promovendo um sentimento de identidade e pertencimento. Essa abordagem demonstra a importância de adotar uma comunicação próxima da realidade local e de desenvolver uma narrativa que valorize a cultura e as histórias da comunidade, resultando em uma comunicação mais inclusiva e participativa, dando protagonismo aos moradores locais.
Conquistas de direitos e melhorias	Um dos objetivos da Mega FM era trazer à tona problemas locais e buscar soluções. Durante seus dez anos de atuação, a rádio desempenhou um papel crucial na conquista de direitos e melhorias na comunidade. Um exemplo significativo foi o programa de entrevistas com vereadores de Juiz de Fora, no qual um político visitava a rádio semanalmente para ouvir as demandas dos moradores e ser cobrado sobre sua atuação na casa legislativa municipal numa espécie de fórum. Além disso, a rádio também mantinha um programa de entrevistas com representantes da Sociedade Pró-Melhoramentos (SPM) dos bairros. Os moradores utilizaram a rádio para se mobilizar em diversas questões, como a solicitação de um ônibus urbano para o Santa Cândida e a instalação de postes de iluminação em áreas que ainda estavam desprovidas. Outro destaque foi a luta contra a instalação de uma antena de celular próxima ao muro da Escola Municipal Santa Cândida, que estava associada a casos de câncer entre alunos e funcionários devido ao excesso de radiação. Após três anos de esforços, a remoção da antena foi finalmente conquistada.
Liberdade e independência	A Mega FM destacava-se por sua postura como uma emissora independente, sem vínculos político-partidários ou religiosos e sem fins financeiros, o que foi fundamental para o sucesso do projeto. Essa abordagem permitiu à rádio manter sua liberdade e abordar uma ampla gama de temas sem censura ou compromissos partidários ou financeiros. A programação da rádio abrangia uma diversidade de assuntos, incluindo cultura com programas sobre funk, hip-hop e rock, bem como programas católicos, evangélicos e de religiões africanas, como o jogo de búzios. Essa diversidade contribuiu para a formação de uma consciência mais ampla entre os ouvintes, refletindo a riqueza e a variedade dos temas tratados.
Interação com a comunidade e ponto de encontro	O lema “comunitária de verdade” exemplifica a atuação da Mega FM como ponto de encontro comunitário. Desde o início, o trabalho colaborativo com a população foi um pilar essencial, com interação promovida por reuniões, envio de cartas e ligações para a rádio. A rádio serviu como um ponto central para a coesão comunitária, organizando eventos e atividades que incentivavam a participação dos

	moradores. Com isso, a Mega FM se estabeleceu como mais do que uma simples emissora, tornando-se um ponto de encontro e apoio para a comunidade. Programas que discutem questões locais e oferecem uma plataforma para a expressão da voz comunitária são fundamentais para reforçar esse papel.
--	---

Fonte: Elaborada pelos autores após entrevista semiestruturada em julho de 2024

A tabela com os dados apresentados acima é de grande relevância como um manual para futuras ações de rádios comunitárias. Ela busca oferecer uma visão relevante sobre os fatores que contribuíram para o sucesso da Mega FM, incluindo a interação contínua com a população, a promoção de eventos e atividades comunitárias e a diversidade de temas abordados na programação.

Esses aspectos demonstram práticas eficazes para engajar a comunidade e manter a independência da emissora, servindo como um guia para outras rádios comunitárias que buscam fortalecer seu papel na coesão social e na expressão da voz local. A análise dos dados oferece olhares valiosos sobre como construir uma rádio que não apenas informe, mas, também, participe ativamente da vida comunitária, proporcionando uma base sólida para o planejamento e a implementação de ações semelhantes em outras localidades.

Considerações finais

A análise da trajetória da Mega FM revela um modelo exemplar de cidadania participativa e autogestionária, demonstrando como uma rádio comunitária pode desempenhar um papel crucial na vida local. Desde seu início, a Mega FM foi estruturada de forma coletiva e democrática pela própria comunidade, o que garantiu uma abordagem inclusiva e comprometida com a conscientização sobre direitos e a promoção de práticas inovadoras de comunicação popular. As estratégias adotadas pela rádio, que incluíam a implantação, consolidação e aglutinação comunitária, ilustram de maneira clara como uma rádio pode servir como um pilar fundamental na coesão e no fortalecimento da identidade comunitária.

A Mega FM não só criou canais de participação efetivos, como também

mobilizou setores populares para desenvolver suas próprias soluções, facilitando o acesso ao poder de comunicar. O reconhecimento obtido de várias instituições, como a Câmara Municipal, a UFJF e os diversos movimentos sociais, atesta a relevância e o impacto da rádio no fortalecimento da cidadania local. Apesar do reconhecimento e da significativa contribuição da Mega FM para a comunidade, a rádio enfrentou grandes desafios na obtenção da autorização oficial para funcionar. No entanto, a resiliência dos envolvidos, que se reinventaram através de processos criativos e tecnológicos, é um testemunho do compromisso com a causa e da capacidade de adaptação frente às adversidades. A luta pela legalização não foi apenas uma batalha administrativa, mas, também, um exercício importante de organização e defesa de direitos.

Como dito anteriormente, a possibilidade de reativar a rádio na internet foi considerada, porém, essa alternativa mostrou-se inadequada devido à restrita conectividade disponível nas áreas ao redor do Santa Cândida. Com uma grande parte da população local sem acesso à internet, a rádio online não conseguiria alcançar seu público-alvo, o que comprometeria a missão de serviço comunitário que a Mega FM anteriormente cumpria com eficácia.

Embora a Mega FM não esteja mais no ar, seu legado perdura e continua a influenciar a comunidade. A experiência e os princípios de organização e coletividade que a rádio cultivou foram fundamentais para a fundação do Coletivo Vozes da Rua em 2013. Este coletivo, que compartilha objetivos semelhantes aos da Mega FM, atua como uma extensão da voz comunitária, promovendo informação, cultura hip-hop, e servindo como um ponto de encontro para jovens e moradores da periferia de Juiz de Fora. Embora o coletivo opere de maneira diferente da rádio e com um alcance mais limitado, ele mantém a função essencial de conectar e engajar a comunidade local.

A trajetória da Mega FM sublinha a necessidade urgente de reformar as políticas de radiodifusão no Brasil para garantir que espaços de expressão e participação sejam preservados e ampliados. A experiência da Mega FM evidencia a importância das rádios comunitárias na promoção de uma

comunicação mais inclusiva e democrática, oferecendo lições valiosas para o futuro da comunicação comunitária no Brasil.

Preservar a memória e os acervos documentais e sonoros da Mega FM é crucial para entender a evolução da comunicação comunitária e assegurar que as vozes locais sejam devidamente reconhecidas e suas histórias compartilhadas. Esse legado serve não apenas como um modelo para futuras iniciativas de resistência popular organizada, mas, também, como um ponto de referência para a construção de uma comunicação comunitária mais justa e eficaz em outros contextos.

A relevância deste estudo se estende à história da comunicação comunitária no Brasil, destacando o papel fundamental das rádios na promoção da inclusão e da participação cidadã. Além disso, o exame da trajetória da Mega FM oferece valiosos olhares para a valorização do meio rádio como um todo, evidenciando sua capacidade de adaptação e expansão para novas plataformas, como podcasts. Essa expansão é uma continuação natural do papel das rádios comunitárias, ampliando seu alcance e impacto na era digital, e reforça a importância de garantir que as práticas de comunicação comunitária evoluam para atender às necessidades das populações locais em diferentes formatos e plataformas.

Referências

BARBOSA, Marialva Carlos. Um século de rádio no Brasil: o desafio dos pesquisadores. Ijuí, 2020.

BAUMWORCEL, A.; BAUM, A. O discurso de resistência à censura da Rádio Jornal do Brasil AM. In: MOREIRA, Sonia Virgínia (Org.). 70 anos de radiojornalismo no Brasil 1941-2011. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. v. 1, p. 75-92.

BRASIL, Agência. *Rádios comunitárias poderão veicular patrocínio do governo*. Agência Brasil, 7 fev. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-02/radios-comunitarias-poderao-veicular-patrocínio-do-governo>. Acesso em: 3 ago. 2024.

CALABRE, Lia. A era do rádio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FLECK, Paloma da Silveira; FERRARETTO, Luiz Artur. Leonel Brizola e a cassação da outorga da Rádio Mayrink Veiga: uma reconstrução histórica com base na imprensa da

época. In: EMERIM, C.; KLÖCKNER, L.; ZUCULOTO, V.; PAULINO, R.; RADDATZ, V. (Orgs.). Comunicação e a historicidade das crises na história da mídia no Sul do Brasil. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021. p. 559-584.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade – e outros escritos. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

KAPLÚN, Mario. Comunicación entre grupos: El método del cassette-foro. Bogotá: Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, 1984.

KLÖCKNER, Luciano. Segunda Cadeia da Legalidade: a resistência ao golpe militar de 1964 que não passou para a história. In: KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair (Orgs.). História da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

LAHNI, Cláudia Regina. Possibilidades de cidadania associadas à rádio comunitária juizforana Mega FM. São Paulo: ECA-USP, Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, 2005.

LAHNI, Cláudia Regina. Mega FM: uma rádio comunitária autêntica. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, v. 2, n. 1, jul. 2008. ISSN 1981-4070.

LAHNI, Cláudia Regina. Rádio comunitária autêntica e educação para a cidadania. Comunicação & Informação (UFG), v. 11, p. 32-46, 2008.

MOREIRA, Sonia Virgínia. O rádio no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Comunicação nos movimentos populares: A participação na construção da cidadania. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Intercom, CNPq, São Paulo, v. XXV, n. 2, jul./dez. 2002, p. 71-88.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (Org.). Comunicação pública. Campinas: Alínea, 2004. p. 49-79.

SANTOS, Eliene; PRATA, Nair; MEDEIROS, Rafael. Rádios comunitárias no Brasil: entre a clandestinidade e a relevância social. Chasqui Revista Latinoamericana de Comunicación, v. 1, n. 140, p. 1-14, agosto 2019. DOI: 10.16921/chasqui.v0i140.3868. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334847451_Rádios_comunitarias_no_Brasil_entre_a_clandestinidade_e_a_relevancia_social. Acesso em: 31 jul. 2024.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005. 212 p. ISBN: 8536304626.

ZUCULOTO, Valci. No ar: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.